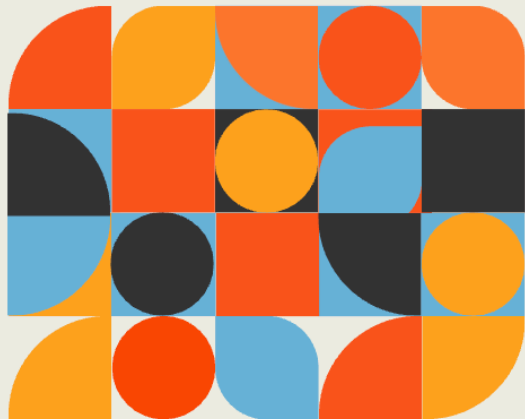




EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA NO ENSINO DE TENDÊNCIAS DE MODA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO TÉCNICO

Emancipatory Approaches to Teaching Fashion Trends: A Proposal for Technical Education

Simões, Victor Hugo Silveira; Psicólogo; Universidade Estadual Paulista (UNESP); Designer de Produto; Universidade Anhembi Morumbi (UAM); Pós-graduado em Gestão de E-commerce; UAM; Pós-graduando em Gestão Escolar; UAM; Docente no Senac Bauru; victor.hssimoes@sp.senac.br¹

Resumo: O artigo propõe uma abordagem crítica para o ensino de tendências de moda nos cursos técnicos, articulando teorias de Paulo Freire, Bourdieu, Butler e Bauman. Defende que a moda, enquanto tecnologia social, deve ser problematizada em sala de aula para desconstruir seu viés elitista e ampliar o reconhecimento de saberes populares, estéticas dissidentes e práticas de resistência.

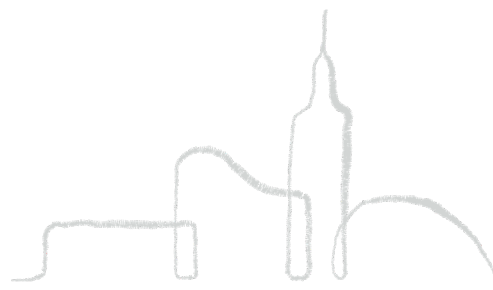
Palavras chave: Educação crítica; Tendências de moda; Violência simbólica.

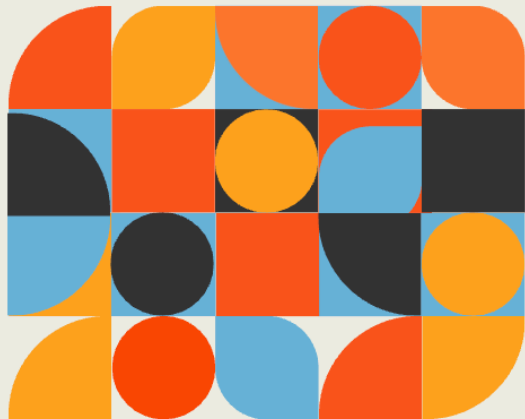
Abstract: This article presents a critical approach to teaching fashion trends in technical education, drawing on the theories of Paulo Freire, Bourdieu, Butler, and Bauman. It argues that fashion, as a social technology, must be problematized in the classroom to challenge elitist narratives and promote the recognition of popular knowledge, dissident aesthetics, and resistance practices.

Keywords: Critical education; Fashion trends; Symbolic violence.

Introdução

As tendências de moda, embora frequentemente vistas como superficiais, exercem papel fundamental na formação técnica e universitária, pois refletem dinâmicas sociais, construções identitárias e relações de poder, especialmente na modernidade líquida (BAUMAN, 2001, p. 141–153; 244–246). A moda funciona como linguagem simbólica e força inovadora que legitima a constante transformação (BARTHES, 1983, p. 277; 2006, p. 431–432), articulando desejos e identidades.





Entretanto, o ensino tradicional das tendências costuma tratá-las como verdades naturais, reproduzindo hierarquias e exclusões relacionadas a classe, gênero, raça e corpo, o que naturaliza desigualdades estruturais (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 451–452; 475; 492). No contexto da modernidade líquida, o consumo de moda atua como dispositivo de disciplina social, responsabilizando o indivíduo por problemas coletivos e gerando vigilância, autocritica e até desinteresse (FOUCAULT apud BUTLER, 1988, p. 15; 22–23; 80–85).

Diante desse cenário, este estudo propõe repensar o ensino das tendências a partir de uma perspectiva crítica, com o objetivo geral de promover autonomia e consciência crítica nos educandos. Objetivos específicos incluem: problematizar o caráter naturalizado das tendências, revelar as relações de poder e exclusão presentes na moda, e utilizar a moda como instrumento de emancipação ética, conforme preconizado por Freire (1996, p. 334; 336; 344; 348; 393). Assim, o ensino ultrapassa o saber técnico e adaptativo, orientando-se para a formação de sujeitos críticos e éticos.

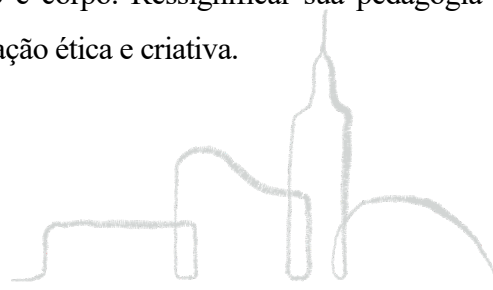
2. Fundamentação teórica

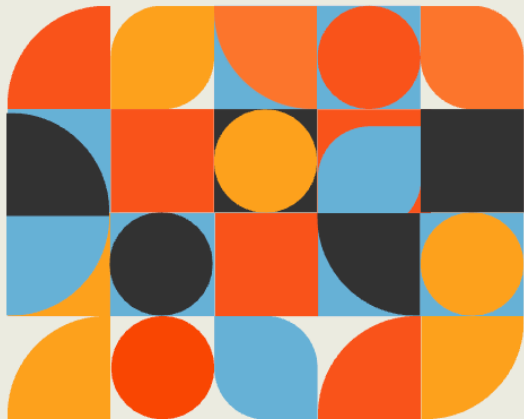
2.1 A moda como tecnologia social e dispositivo simbólico

A moda regula subjetividades, hierarquiza corpos e organiza sentidos, atuando como tecnologia social de pertencimento e exclusão. Barthes (1983, p. 288, 398) a define como sistema de signos que produz valor cultural apropriando outras linguagens. Bourdieu e Passeron (2014, p. 459, 461, 470, 504–505) mostram que a cultura dominante naturaliza a moda, silenciando dissidências por meio da imposição arbitrária de valores. Esse processo é mantido por regimes de verdade que delimitam padrões estéticos (Foucault, 1988, apud Butler, 2015, p. 22, 76). Butler (2015, p. 22–23, 105) destaca que esses regimes exigem renúncia à singularidade para reconhecimento. Bauman (2001, p. 141, 152, 171, 213–217) vê a moda na modernidade líquida como “supermercado de identidades”, onde liberdade vira compulsão e identidade, tarefa contínua. Assim, a moda limita expressões e molda a ética do sujeito.

O discurso hegemônico da moda, utilitarista e acelerado, neutraliza seu potencial crítico. A mercadologia intensifica desejo e obsolescência para manter o consumo (Barthes, 1983, p. 401), ocultando exclusões sob integração social. A moda educacional naturaliza desigualdades de classe, raça, gênero e corpo. Ressignificar sua pedagogia valorizando saberes populares e práticas sustentáveis é fundamental para formação ética e criativa.

2.2 As tendências como imposição estética e violência simbólica





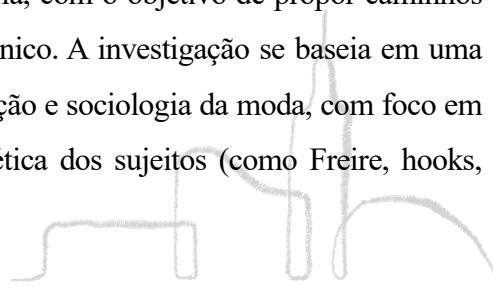
As tendências reforçam distinções sociais sob a aparência de liberdade, funcionando como instrumentos de normatização simbólica. Para Bourdieu e Passeron (2014, p. 432, 435–436, 470, 481), elas expressam um “arbitrio cultural” das classes dominantes, que impõem gostos hegemônicos e dissimulam hierarquias por meio da ação pedagógica, convertendo construções sociais em aparentes méritos individuais. Ensinadas como verdades universais, operam como mecanismos de distinção e exclusão. Barthes (1983, p. 288, 401) observa que a adesão à moda gera valor cultural e reconhecimento simbólico, enquanto sua recusa é lida como falha estética. Butler (2015, p. 26–27, 105) aponta que os padrões regulam o reconhecimento, punindo a dissidência com a invisibilidade. Bauman (2001, p. 195, 200–201) mostra que a meritocracia contemporânea transfere ao indivíduo a responsabilidade por desigualdades estruturais. No ensino, essas lógicas demandam uma crítica ativa às hierarquias travestidas de neutralidade estética.

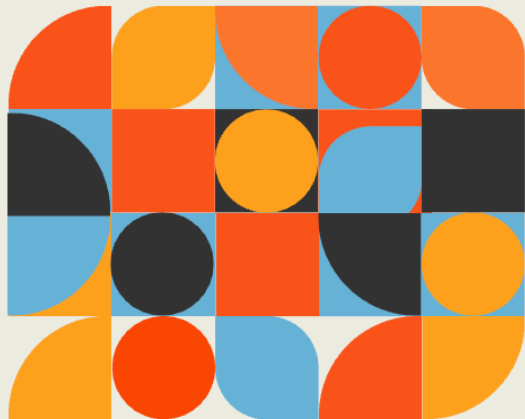
2.3 Educação crítica: Freire, hooks e o enfrentamento à exclusão estética

A pedagogia crítica oferece caminhos para transformar o ensino de moda. Freire (1996, p. 314, 318–319, 324, 326, 333, 358–359) defende a valorização dos saberes populares, o diálogo e a superação da “educação bancária”, que desvaloriza a criatividade e impõe padrões dominantes. Negar esses saberes é uma forma de violência epistemológica. Hooks (2013) amplia essa visão ao propor uma pedagogia interseccional e feminista que transforma a sala de aula em espaço de resistência e sentido. No campo da moda, essa abordagem permite compreender o sistema como produtor de exclusões e reconhecimentos. Ainda assim, prevalece uma pedagogia adaptativa que silencia marcadores de classe, raça e corpo. Bourdieu e Passeron (2014, p. 459–460, 462–464, 474, 512) apontam que a escola impõe a cultura dominante como legítima, mascarando desigualdades sob a ideia de mérito. Ensinar moda criticamente implica incorporar vivências estudantis, revelar estruturas de poder e questionar os interesses por trás das tendências, formando sujeitos capazes de transformação cultural.

3. Metodologia

Este artigo adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, com o objetivo de propor caminhos críticos e emancipatórios para o ensino de tendências de moda no ensino técnico. A investigação se baseia em uma revisão bibliográfica crítica, voltada à intersecção entre teoria crítica da educação e sociologia da moda, com foco em autores que abordam os mecanismos de exclusão simbólica e a formação ética dos sujeitos (como Freire, hooks,





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Bourdieu, Barthes, Bauman e Butler). A seleção teórica priorizou obras clássicas e recentes de reconhecida relevância na produção acadêmica nacional e internacional, utilizando como critérios a contribuição conceitual para os eixos de análise (moda como dispositivo simbólico, violência estética e pedagogia crítica) e a articulação com práticas de ensino real.

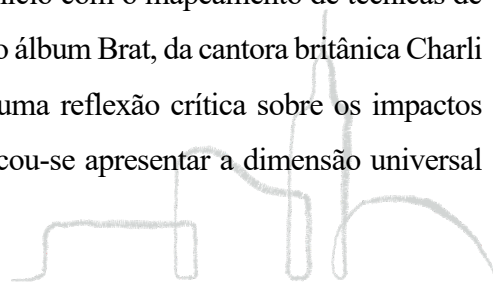
Além disso, o artigo apresenta duas práticas pedagógicas realizadas entre 2023 e 2024 em cursos técnicos do Senac São Paulo: uma no curso de Publicidade e outra no curso de Produção de Moda. As ações foram registradas por meio de planejamentos didáticos, observações em sala de aula e produções dos estudantes, com foco nos objetivos formativos e nos impactos simbólicos percebidos durante e após as atividades. A análise dessas experiências parte de uma perspectiva interpretativa, buscando compreender como determinadas escolhas pedagógicas podem promover agência estética, pertencimento e ruptura com padrões normativos no ensino de tendências. A sistematização dessas práticas, articulada à fundamentação teórica, compõe uma proposta para uma pedagogia crítica da moda, a ser aprofundada em investigações futuras.

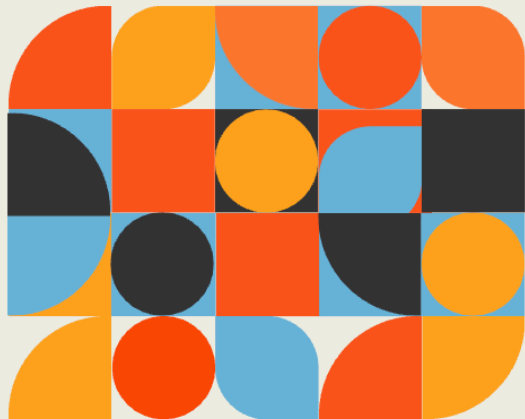
4. Práticas pedagógicas emancipatórias

Rompendo com o ensino tradicional de tendências, centrado em padrões legitimados pela indústria e voltado à adaptação mercadológica, algumas práticas docentes buscam tensionar as estruturas simbólicas e epistemológicas que sustentam a exclusão estética e cultural no campo da moda. As experiências aqui relatadas, realizadas em cursos técnicos de Publicidade e de Produção de Moda, propõem um reposicionamento político-pedagógico: não se trata de incluir estudantes nas tendências, mas de reposicionar as tendências enquanto construções sociais situadas e negociadas.

4.1 Experiência em curso técnico de Publicidade

Na formação técnica em Publicidade, a aula de storytelling e comportamento do consumidor desafiou os estudantes a produzirem microvídeos com narrativas afetivas sobre comércios locais próximos à escola, explorando sentimentos como pertencimento, nostalgia e autenticidade. A atividade teve início com o mapeamento de técnicas de gatilho emocional presentes nas estratégias narrativas do brinquedo Labubu e do álbum Brat, da cantora britânica Charli XCX, com o objetivo de sensibilizar os alunos e oferecer ferramentas para uma reflexão crítica sobre os impactos ambientais e sociais dessas ações, já familiares para eles. Paralelamente, buscou-se apresentar a dimensão universal





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

dessas técnicas — como o uso da cor e da escassez — evidenciando seus efeitos no comportamento humano e tornando-as acessíveis para os estudantes.

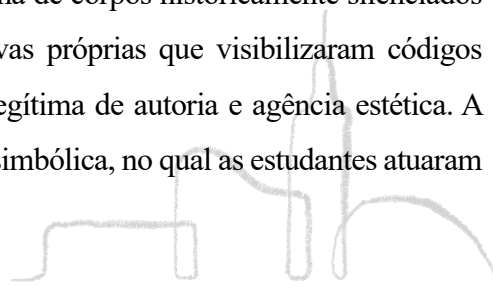
Na etapa seguinte, a proposta tensionou o papel da produção simbólica: ao invés de apenas estudar tendências importadas dos grandes centros urbanos, os alunos foram convidados a nomear e narrar sua própria cultura visual — inserindo seus territórios, afetos e redes de consumo em um ecossistema comunicacional que historicamente os marginaliza. Para isso, filmaram e criaram conteúdo digital aplicando as técnicas estudadas à realidade local da escola. Essa prática promoveu uma mudança simbólica, legitimando o universo desses estudantes, frequentemente considerado “menor” ou desvalorizado até por eles mesmos.

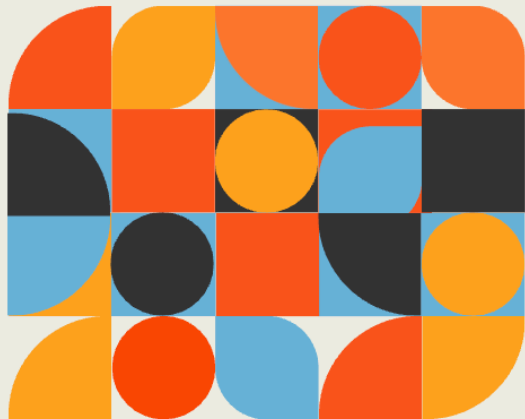
Durante o processo, os estudantes realizaram pesquisas e desenvolveram seus conteúdos com o apoio dos proprietários dos estabelecimentos locais: um grupo escolheu um sebo tradicional e analógico para divulgar sua importância na cultura local, outro promoveu a lanchonete onde muitos alunos costumam fazer seu intervalo, e um terceiro grupo trouxe para o vídeo a discussão sobre o impacto do fenômeno Labubu nos vendedores ambulantes da região, problematizando o tema visto em sala de aula. Observou-se, ainda que de forma não sistemática, que os estudantes ampliaram sua percepção crítica sobre o papel da narrativa na construção dos valores culturais e econômicos locais.

4.2 Experiência em Produção de Moda

No curso técnico de Produção de Moda, a aula de consultoria de imagem plus size posicionou-se contra a normatividade corporal vigente na moda. A partir da releitura crítica do Universal Style System™ (PARSONS, 1995, p. 41-43), as estudantes foram divididas em cinco grupos, cada um responsável por contemplar uma das cinco formas corporais apresentadas. Elas criaram dicas de moda para corpos plus size, relativizando os padrões hegemônicos de beleza e trazendo um olhar crítico para a moda enquanto dispositivo de exclusão e padronização estética.

A prática não se limitou ao estudo formal das formas corporais e estratégias de equilíbrio visual, mas enfatizou a produção de conteúdos digitais educativos voltados à valorização e autoestima de corpos historicamente silenciados e invisibilizados pelo mercado da moda. As estudantes construíram narrativas próprias que visibilizaram códigos estéticos diversos, promovendo o reconhecimento da diferença como fonte legítima de autoria e agência estética. A produção e publicação desses conteúdos revelou-se um espaço de intervenção simbólica, no qual as estudantes atuaram





como produtoras de discurso, tensionando os modelos normativos e propondo novos significados para o vestir. Essa atividade contribuiu para desnaturalizar os conceitos de “beleza ideal” e evidenciou um reposicionamento crítico em relação à moda, enquanto prática social.

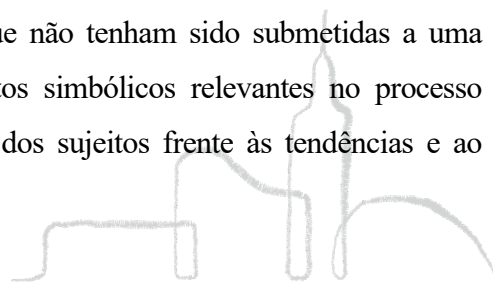
Para sintetizar as experiências desenvolvidas nos cursos técnicos de Publicidade e Produção de Moda, apresenta-se, a seguir, um quadro que relaciona os objetivos pedagógicos, as ações realizadas em sala de aula e os impactos simbólicos percebidos. A sistematização permite observar de forma mais clara como as práticas buscaram tensionar estruturas normativas e promover reconhecimento de saberes e estéticas dissidentes no contexto do ensino de tendências.

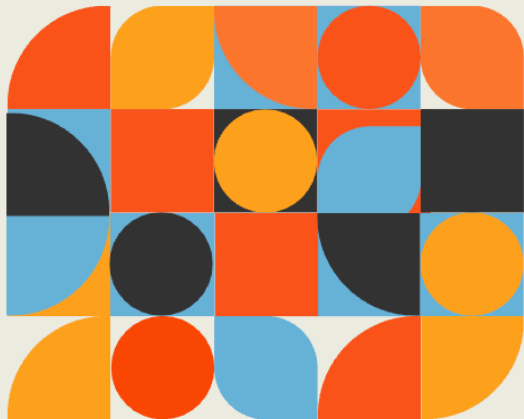
Quadro 1 – Práticas pedagógicas emancipatórias no ensino de tendências de moda

Curso técnico	Objetivo da prática	Ação realizada	Impacto simbólico percebido
Publicidade	Desconstruir padrões dominantes de consumo e valorizar repertórios locais	Produção de microvídeos afetivos sobre comércios do entorno escolar, com base em storytelling e análise de técnicas visuais (Labubu e álbum <i>Brat</i>).	Legitimação dos territórios e afetos dos estudantes como fontes válidas de construção simbólica e narrativa.
Produção de Moda	Enfrentar a normatividade corporal na consultoria de imagem	Releitura crítica do Universal Style System™ com foco em autoestima de corpos plus size; criação de conteúdo digital educativo e autoral.	Valorização da diversidade corporal, agência estética dos estudantes e ruptura com padrões de silenciamento.

Fonte: desenvolvida pelo autor

Essas ações não foram concebidas como atividades isoladas ou criativas pontuais, mas como parte de uma proposta pedagógica articulada à formação crítica dos estudantes. Ainda que não tenham sido submetidas a uma avaliação empírica sistemática até o momento, é possível identificar efeitos simbólicos relevantes no processo formativo, especialmente no que se refere ao reposicionamento discursivo dos sujeitos frente às tendências e ao





reconhecimento de seus contextos como fonte legítima de construção estética. A seguir, discutem-se essas percepções iniciais.

4.3 Análise preliminar dos resultados simbólicos das práticas

Embora este estudo não tenha se proposto a avaliar quantitativamente os efeitos das práticas pedagógicas, foi possível observar uma valorização simbólica dos territórios, corpos e vivências dos estudantes nas produções finais. A legitimação de estéticas dissidentes e o exercício da autoria indicam um reposicionamento discursivo em relação às tendências de moda como construção situada e negociável. As atividades desenvolveram nos estudantes uma consciência crítica ampliada, que tensiona os padrões hegemônicos de beleza e consumo, reafirmando saberes de experiência e identidades locais.

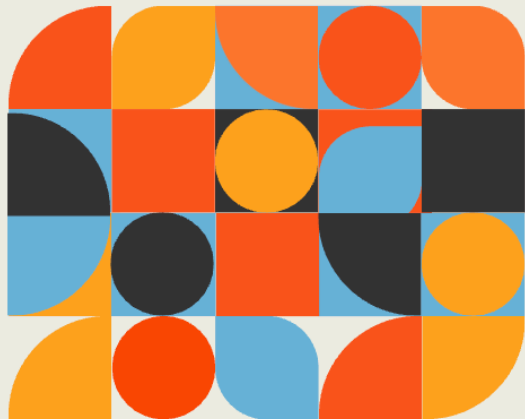
Observou-se, ainda que de forma não sistemática, que os estudantes passaram a reconhecer e valorizar suas próprias narrativas culturais e corporais, reconhecendo o potencial da moda como campo de resistência e ressignificação. Esse reposicionamento político-pedagógico articula-se ao pensamento de Paulo Freire (1996), que defende o ensino a partir dos saberes de experiência dos educandos; a bell hooks (1994), que propõe a sala de aula como espaço de subversão; a Bourdieu (2014), que problematiza a violência simbólica dos currículos tradicionais; e a Bauman (2001), que vê na educação uma ferramenta para resistir à fragmentação social contemporânea.

Dessa forma, as práticas apresentadas configuram uma pedagogia crítica que não apenas ensina conteúdos, mas também promove a construção coletiva de sentidos e a afirmação da pluralidade estética e cultural no campo da moda.

Considerações Finais

O ensino crítico das tendências de moda transcende a dimensão técnica e mercadológica para constituir-se como uma prática pedagógica emancipatória, cujo propósito é formar sujeitos capazes de apreender os mecanismos de poder que estruturam gostos, identidades e comportamentos, reconhecendo a moda como um sistema de signos que incide sobre corpos e relações sociais (BARTHES, 1983).

Fundamentado em Paulo Freire (1996, p. 288, 289, 305, 415, 439), esse modelo pedagógico valoriza os saberes e experiências dos grupos oprimidos, rompendo com a lógica da “educação bancária” e enfrentando a violência simbólica imposta pela cultura dominante (BOURDIEU; PASSERON, 1994, p. 451, 487, 499). A pedagogia



20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

interseccional delineada por bell hooks (1994) reforça a necessidade do reconhecimento e enfrentamento das múltiplas opressões que atravessam os sujeitos, evidenciando a natureza desigual das construções sociais em torno das tendências.

No cenário da modernidade líquida, em que a moda configura-se como um “supermercado de identidades” (BAUMAN, 2001, p. 144, 152, 162, 206, 208, 210), a escola assume papel crucial ao prover instrumentos críticos para a autonomia dos estudantes na interlocução entre estética, política e pertencimento. Butler (2004, p. 23–29) amplia esta reflexão ao enfatizar o reconhecimento como condição de existência e sujeição, ressaltando a importância do questionamento acerca dos destinatários das tendências e dos sujeitos excluídos por esses regimes normativos.

Dessa forma, o educador deve atuar como mediador entre saberes formalizados e experiências vividas, promovendo espaços de acolhimento, crítica e produção coletiva de conhecimento. Recomenda-se a sistematização e aplicação contínua de práticas pedagógicas críticas que favoreçam a análise das relações de poder no campo da moda, valorizem saberes populares e estimulem a resistência às imposições simbólicas.

Como limitação do presente estudo, destaca-se a ausência de avaliação empírica abrangente sobre os efeitos dessas práticas pedagógicas, cuja análise deverá ser objeto de investigações futuras.

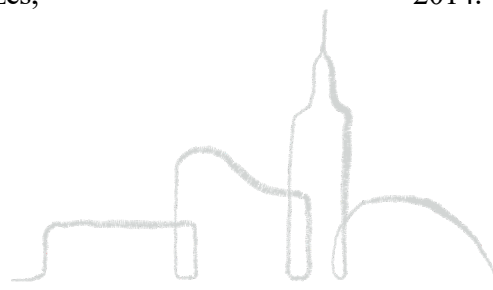
Referências

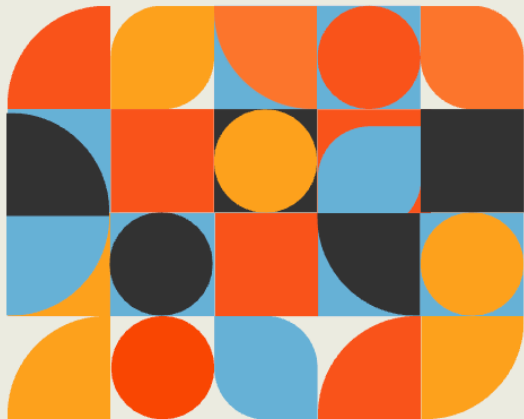
BARTHES, Roland. *The fashion system*. Translated by Matthew Ward and Richard Howard. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1983.

BARTHES, Roland. *The language of fashion*. Translated and edited by Andy Stafford. Oxford; New York: Berg, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética.* Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* 24. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.* Tradução de Ana Luiza Libânio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

PARSONS, Alyce; BETTER, Allison L. *What's my style? Create a look and build a wardrobe using the Universal Style System.* Saratoga, CA: AMP Publishers, 1995.

